

MELO, Rafael de Lemos. **Alterações de Rota: teoria e prática na criação de novas perspectivas Interculturais**. Campinas: Unicamp. Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena – IA – UNICAMP; Mestrado. Orientadora: Mariana Baruco Machado Andraus. Ator, Professor e Dançarino.

RESUMO

O texto é uma reflexão sobre como as interseções entre teoria e prática, apresentadas no VII Seminário de Pesquisas Mário Santana, tem impactado meu processo de treinamento e criação ao apresentar questões que redimensionam o olhar em novas perspectivas poéticas, metodológicas e sobretudo éticas.

ABSTRACT

The text is a reflection on how the intersections between theory and practice, presented at 7th Seminar Mário Santana, have impacted my training and creation process by presenting questions that reshape the view in a new poetic, methodological and ethical perspectives.

Alteração de Rota: teoria e prática na criação de novas perspectivas Interculturais.

Como Ator, Dançarino e Professor, estabeleci minha prática artística e docente a partir da vivência com o Bharatanatyam, estilo de dança clássica proveniente do sul da Índia, tendo iniciado os estudos dessa dança desde 2006. O primeiro contato foi com bailarina e professora Estelamare dos Santos (1968-2014) e a participação em seu grupo experimental, formado por ela e seus alunos, a Cia. Suco de Lótus. Orientada por Estelamare, a Cia. Suco de Lótus agregava diferentes vivências em trabalhos experimentais, onde o Bharatanatyam estava presente em coreografias do repertório tradicional indiano e também em criações onde haviam uma combinação de elementos da dança indiana com elementos da dança contemporânea.

A segunda experiência, que merece ser mencionada aqui, foi a viagem para aprofundamento de estudos à Índia que fiz em 2016, onde tive oportunidade de conhecer a Mestre de Bharatanatyam Leela Samson. Dessa vez, o rigor era total e direcionado para a vivência da Dança Clássica Indiana e seu repertório coreográfico. Contudo, uma surpresa que se deu nesse contato foi observar que mesmo nesse contexto de total reverência à tradição, a condução de Samson em suas aulas não era a de mera reprodução de movimentos e exercícios, e sim de um entendimento e um olhar sobre a técnica que possibilitava a seus estudantes a oportunidade de desenvolver sua expressão e habilidades. Além do olhar e da condução de uma Mestre, percebi que havia na organização dos exercícios, uma sabedoria que conseguia conectar a tradição de movimentos e posturas criados ao longo de séculos com elementos presentes em outras danças.

Tocado por essa experiência, de volta ao Brasil, senti-me motivado a continuar a prática, tentando manter o rigor e a disciplina que a dança clássica indiana exige, mas observando e compreendendo como isso pode ser possível no atual contexto brasileiro. Essa foi a primeira motivação que me impulsionou a buscar o ambiente acadêmico, entendendo a Universidade como um espaço propício para esse mergulho. Assim,

elaborei uma primeira proposta de pesquisa que pudesse estabelecer pontes entre as minhas inquietações artísticas, o rigor que o treinamento da dança exige e a Pesquisa em Artes, propriamente dita.

O passo inicial, nesse sentido, era um projeto cujo objetivo colocava a dança como um elemento base para uma *nova criação* que viria a ser feita da observação de seus elementos básicos e como esses elementos estruturam técnica e coreograficamente a Dança. No caso desse estilo específico de dança esses elementos chamam-se *Adavus*, palavra que nos idiomas *Kannada* e *Tellugu* significam dança, ou ainda, a ação de dançar. São sequências definidas de movimento cuja prática sistemática estrutura tecnicamente o corpo do bailarino ao mesmo tempo que estão presentes de forma variada em todo repertório coreográfico do Bharatanatyam.

A ideia, portanto, era o treinamento prático dessas sequências de movimento, analisando seus elementos e, a partir disso, partir para a experimentação, num processo criativo. Leituras sobre a origem do bharatanatyam sob a perspectiva de diferentes expoentes dessa linguagem embasariam uma reflexão sobre as características dessa dança e serviriam de ponte para uma melhor contextualização do assunto.

Essa era a primeira rota.

Ao adentrar o Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena, naturalmente as primeiras ideias caíram por terra e um movimento de desconstrução de certezas tomou lugar. A fricção entre teoria e prática, nesse sentido, tem contribuído para o alargamento das compreensões sobre metodologia, poética e sobretudo sobre questões éticas dentro do campo da Pesquisa em Artes. Saliento aqui essa reorganização, cercada de questionamentos e problematizações éticas, como resultado de uma realocação do olhar, provocada por uma nova compreensão do artista-pesquisador, resultante do confronto e do atravessamento entre práticas e teorias. Uma expansão do campo cognoscível que abriu a possibilidade para novas indagações, somadas ao aprofundamento das questões iniciais.

Como viabilizar, no contexto brasileiro, tempo e espaço de treinamento que se aproxime do formato das aulas do sul da Índia? Como aplicar aulas de bharatanatyam, respeitando o sistema guru sishya, e ao mesmo tempo, compreendendo a realidade e as dinâmicas dos jovens estudantes de dança do Brasil? De que forma traduzir aos espectadores as narrativas mitológicas da Dança indiana, tornando possível a fruição do público? Como compreender a pesquisa em dança contemporânea a partir de uma tradição escapando dos perigos de uma banalização de elementos culturais e o reforço de estereótipos? Como resignificar o trânsito entre culturas deixando de lado mecanismos coloniais e desfazendo uma concepção exótica e eurocêntrica de Universalidade?

Algumas dessas indagações num primeiro momento pareciam para mim exageradas ou mesmo infundadas, mas ao entrar em contato com as palavras de pesquisadores como Rustom Bharucha (2016) e Homi Bhabha (citar), percebi que os trânsitos e percursos da pesquisa, dentro do campo da interculturalidade necessitavam ser refletidos à luz de seus contextos sociais e políticos, convidando-me para o exercício do pensamento decolonial, para que o resultado desses encontros sejam corporificados de forma íntegra, dando vez, voz e visibilidade para que tanto o pesquisador quanto os sujeitos que formam o campo de estudo em questão, sejam revelados ao público de forma ampla e plena.

Nesse sentido, além da minha prática como dançarino de bharatanatyam, minha prática docente passou por transformações e mudanças de abordagem. Como professor da Disciplina de Danças Étnicas no Curso Profissionalizante de Dança da Etec de Artes,

certa vez, após uma aula, uma aluna que estava envolvida com a produção de seu Trabalho de Conclusão de Curso veio me procurar. Seu trabalho de pesquisa, naquele momento, seria a partir de uma movimentação presente na forma teatral japonesa Kabuki. A sua indagação era se ela, como uma aluna brasileira, estaria se apropriando de uma cultura estrangeira. A resposta que consegui formular, ali, era de que ela refletisse o quanto o trabalho poderia servir para tornar o Kabuki visível para o público, apresentando uma cultura diferente da dela, através de sua pesquisa.

Hoje, não tenho certeza sobre o quanto minha resposta para essa aluna foi assertiva, dentro dos parâmetros que me coloco atualmente. Porém, esse fato me instigou a estabelecer conexões entre a pesquisa e a prática docente. Passei a trazer alguns materiais dos pesquisadores citados em sala de aula para a reflexão. O resultado foi enriquecedor: os alunos, sensíveis às questões apresentadas e provocados pelos materiais e perguntas, responderam de forma positiva, apresentando em seus trabalhos diferentes manifestações culturais e o impacto que a colonização teve nessas sociedades, a partir da análise da Dança de determinadas culturas, escolhidas por eles. Nessa experiência, a Dança contribuiu para dar visibilidade a diversidade cultural e também para questionar lógicas vigentes de valoração do corpo e sua expressão.

Além disso Dentro do VII Seminário Interno de Pesquisas Mário Santana, ao observar colegas pesquisadores que também trabalham no eixo Oriente-Occidente, imersos em provocações semelhantes às minhas, percebi que a reflexão ética na interculturalidade e, a partir dela, o deslocamento do olhar do pesquisador sobre seus referenciais e seu campo de pesquisa, se converte em potência criativa e num compartilhamento vivo de suas experiências com o público.

Acredito que essa potência, despida de relações hierarquizantes hegemônicas, em que o pesquisador enxerga o outro e sua cultura como um igual, partilhando conjuntamente desdobramentos de sua pesquisa, pode contribuir para outras maneiras de pensar e abordar a interculturalidade, que talvez se ajuste melhor ao tempo que vivemos.

Nessa nova perspectiva, ao fim de um semestre de estudos, reorganizo a rota e retomo a prática, com os pés novamente no chão e o olhar amplo para compreender quais relações criativas podem ser estabelecidas a partir disso.

Referências Bibliográficas

- BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
BHARUCHA, Rustom; LYRA, Maria. *Viajando através do interculturalismo: do pós-colonial ao presente global*. ouvirOUver, v. 13, n. 1, p. 12-23, 2003.